

Carlos Chagas, sua vida e sua arte

Carlos Chagas, his life and his art

Em abril de 1909, o médico e pesquisador brasileiro Carlos Chagas (1878-1934) comunicou ao mundo científico a descoberta de uma nova doença humana. Sua obra científica, pela perfeição, originalidade e conteúdo tornou-se clássica na literatura médica, consistindo na melhor contribuição da ciência brasileira à medicina mundial¹.

Durante o desenvolvimento de sua pesquisa sobre a doença, Chagas abrangeu todos os aspectos da mesma: descreveu o seu vetor, seu agente etiológico, passando por suas formas clínicas, patogenia e epidemiologia. Esse múltiplo labor, considerado único na história da medicina, trouxe à sua genial descoberta a glória imorredoura^{2,3}. Destarte, o centenário de sua descrição inicial é motivo de imenso orgulho, muito embora os pacientes ainda tenham poucos avanços a comemorar. O conhecimento de seu contexto político e epidemiológico é fundamental para o entendimento de tamanho grau de negligência com que a doença ainda hoje é tratada. Situada na parte mais pobre do continente, a tripanossomíase americana nunca teve a repercussão e a motivação ao estudo de outras protozooses mais universais, como a malária. Pelo contrário, compartilha com doenças como a tuberculose, o fato de atingir, sobretudo, os pobres, que não representam um mercado atraente para o consumo de novos medicamentos ou testes diagnósticos. Como um reflexo do amplo desinteresse da indústria farmacêutica, os dois únicos medicamentos disponíveis, os mesmos há mais de 30 anos, são de eficácia questionável.

Infelizmente, um problema eminentemente social e econômico priva até hoje milhões de chagásicos do planeta das benesses do desenvolvimento científico. Dessa maneira, todos os anos milhares de pacientes acometidos pela cardiopatia chagásica crônica vêem sua doença evoluir inexoravelmente para o estágio de insuficiência cardíaca terminal⁴. Para estes, o único meio de oferecer aumento do tempo e da qualidade de vida muitas vezes é o transplante cardíaco.

“A doença de Chagas é um problema de Estado”, já dizia repleto de sua implacável sabedoria o seu descobridor no longínquo 1911. Cem anos se passaram e o Estado foi ineficaz em mitigá-lo. Cabe a todo cidadão, nesse momento, um papel mais ativo na determinação de um novo rumo para a doença. Ao médico, que em sua lida diária vivencia a angústia de não poder oferecer o tratamento ideal a seu paciente, cabe um papel de destaque. Imbuído desta missão, o presente estudo busca reavivar o interesse da comunidade científica sobre o tema.

CHAGAS E SUA DESCOBERTA

O homem que antes dos seus 30 anos de idade iria projetar internacionalmente a medicina brasileira nasceu na fazenda Bom Retiro, em nove de julho de 1879, em Oliveira, Minas Gerais. Foi

o primeiro dos quatro filhos do pequeno cafeicultor e pecuarista José Justiniano Chagas e de Maria Cândida Ribeiro Chagas, tendo ficado órfão do pai aos quatro anos. Aos oito e já alfabetizado, foi matriculado no Colégio São Luís, em Itú, no interior de São Paulo, mas fugiu do internato em 1888 para ir ao encontro da mãe ao saber que os escravos recém-libertos estariam depredando fazendas. A punição para essa fuga foi a expulsão de Chagas do colégio pelos padres jesuítas^{1,3}.

Após encerrar os estudos secundários em São João Del Rei (MG), atendeu à vontade de sua mãe e ingressou no curso preparatório para a Escola de Minas de Ouro Preto, onde pretendia graduar-se em Engenharia. Ali, entretanto, aderiu à vida boêmia, retornando a Oliveira depois de reprovado nos exames. Em sua cidade natal, reacendeu seu interesse pela Medicina, que nutria desde a infância, desta vez sob a influência de seu tio materno Carlos, que era médico².

Em abril de 1887 ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde este mesmo tio trabalhava. Dois professores marcaram de maneira decisiva sua formação. Miguel Couto, de quem Chagas se tornaria amigo, incutiu no jovem estudante a concepção de que a clínica médica deveria ser renovada e subsidiada pelos novos conhecimentos e técnicas propiciados pelas pesquisas científicas; e Francisco Fajardo, um dos pioneiros da microbiologia no Brasil. No laboratório deste, Chagas auxiliava a realização de exames hematológicos e a identificação das diferentes espécies do parasito da malária. Com o tempo, acumulou material para suas próprias experiências².

Sua tese de doutoramento foi dedicada ao estudo da malária, tendo como orientador Oswaldo Cruz. Intitulada *Estudos Hematológicos no Impaludismo*, analisou a importância dos conhecimentos sobre o ciclo evolutivo do plasmódio para o diagnóstico e o tratamento das várias formas clínicas da doença.

Pela qualidade de seu trabalho, em 1905 Chagas foi convidado por Cruz para controlar a malária em Itatinga, São Paulo, onde a doença atacava os trabalhadores da Companhia Docas de Santos, causando paralisação das obras. Ali, Chagas desenvolveu métodos de controle que foram bem sucedidos, razão que motivou Oswaldo Cruz a solicitar novamente a sua colaboração para o controle da malária em Lassance, cidade no interior de Minas Gerais, onde a doença atacava os trabalhadores que construíam uma nova linha de trem da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Movido por tendência vocacional irresistível, chegando a Lassance, além de coordenar a campanha de profilaxia, examinou sangue de diversos animais da região, encontrando um tripanossoma (protozoário) no sangue de sagüis. Na época já se sabia que protozoários presentes em sangue de animais podiam causar doenças em humanos, e Chagas estava atento para esse fato¹.

Em viagem à Pirapora, é informado pelo chefe da comissão de engenheiros, Cornélio Homem Cantarino Mota, da presença abundante na região de um inseto hematófago domiciliar conhecido vulgarmente como barbeiro pelo hábito de picar o rosto de suas

vítimas enquanto dormiam. Examinando alguns destes insetos, verifica a sua infestação por formas flageladas de um protozoário¹. Como protozoologista, não lhe escapa a possibilidade de que os flagelados por ele descobertos sejam formas evolutivas de um tripanossoma em seu hospedeiro invertebrado, quiçá o mesmo dos sagüis. Em Lassance, porém, não dispõe de mais que um vagão e um alpendre como dormitório, laboratório e ambulatório. Envia, pois, alguns insetos a Oswaldo Cruz, que os faz picar saguis mantidos no biotério do Instituto⁵. Após um mês, Cruz descobre os protozoários no sangue de um sagüi que havia adoecido. A esse protozoário, Chagas deu o nome de *Trypanosoma cruzi*, sendo o nome cruzi, uma homenagem ao seu mestre.

Foi em de abril de 1909 que Chagas examinou uma menina doente de dois anos de idade chamada Berenice, e encontrou em seu sangue o mesmo protozoário presente no intestino do barbeiro e no sangue dos sagüis picados pelo inseto. Pôde assim anunciar a sua descoberta:

*“Num doente febricitante, profundamente anemiado e com edemas, com plêiades ganglionares engurgitadas, encontramos tripanossomas, cuja morfologia é idêntica à do Trypanosoma cruzi. Na ausência de qualquer outra etiologia para os sintomas mórbidos observados e ainda de acordo com a experimentação anterior em animais, julgamos tratar-se de uma tripanossomíase humana, moléstia ocasionada pelo Trypanosoma cruzi, cujo transmissor é o Conorrhinus sanguissuga”*².

Em 14 de fevereiro de 1917, três dias após a morte de Oswaldo Cruz, Carlos Chagas foi nomeado para a direção do Instituto Oswaldo Cruz, cargo que ocuparia até seu falecimento.

Em maio de 1925, Chagas foi nomeado por decreto presidencial professor catedrático de Medicina Tropical da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Suas aulas conjugavam a explanação teórica e a observação clínica de doentes e eram subsidiadas por farto material expositivo trazido de Manguinhos. Ao seu término, os alunos percorriam as enfermarias do pavilhão, em companhia do professor, para aprofundar o aprendizado das doenças tratadas no curso.

Sua concepção do ensino médico era de vanguarda e atribuía à formação profissional um sentido mais amplo: a estreita associação entre ensino, clínica e pesquisa científica, conforme deixou claro em 1928:

*“É do passado essa dualidade de tendências, na orientação do ensino, ou para o leito do hospital ou para os laboratórios de pesquisas, assim definindo, uma escola clínica, que mais demorava na indagação dos sintomas, e uma escola científica, que mais insistia na pesquisa experimental. [...] A enfermaria, o laboratório e o instituto anatomopatológico hoje se penetram e se completam, e constituem uma só unidade técnica, na qual se aplicam inteligência, perspicácia e discernimento para esclarecer a doença”*².

Carlos Chagas morreu subitamente em sua residência no Rio de Janeiro, aos 55 anos, após chegar do trabalho, sugestivamente de insuficiência coronária aguda, no início da noite de oito de novembro de 1934. A amplitude de seu legado reflete sua profícua vida profissional, científica e administrativa, permeada por elevado espírito humanitário. O grande significado de sua descoberta

pode ser avaliado pelos numerosos prêmios e honrarias nacionais e internacionais que fartamente recebeu³.

Em 26 de outubro de 1910, Chagas foi admitido solenemente como membro titular da Academia Nacional de Medicina, medida de excepcional reconhecimento sem a existência de vacância. Em 1912, recebeu o prêmio Schaudinn, outorgado de quatro em quatro anos ao melhor trabalho de Parasitologia e Medicina Tropical realizado em todo o mundo.

Entre outras honrarias, recebeu também a de doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Harvard (1921); cavaleiro da Ordem da Itália (1921) e da Ordem da Romênia (1929); medalha da Legião de Honra da França (1923); comendador da Ordem da Coroa da Bélgica (1923), da Ordem de Afonso XIII (1925) e da Real Ordem de Isabel (1926); prêmio *hors-concours* no centenário de Pasteur, na França (1923).

Compreender em sua plenitude a moléstia descrita por Chagas está além dos conhecimentos técnico-científicos classicamente abordados pela Medicina. As suas dimensões histórica, social e política são aspectos fundamentais para o seu entendimento.

Chagas teve a sabedoria necessária para tecer um olhar holístico sobre a doença desde a sua descoberta, e o mesmo foi perpetuado pelas centenas de estudiosos que lhe sucederam. Esta visão contribuiu para os avanços obtidos na erradicação dos vetores em vários países da América Latina e a expressiva diminuição do número de casos da doença apesar de toda a negligência da indústria farmacêutica.

Expressão máxima da ciência no país, Chagas é desse modo também um exemplo atemporal da boa prática médica. O seu olhar enleva mais que a doença, mas, sobretudo o indivíduo e o seu meio. Conhecer a sua história e a de sua descoberta é um convite a pensar os desafios para a construção de uma Medicina mais ética, humanística e universalista.

Luiz Antônio Brito Arruda Vasconcelos

Lucas Coelho Pena

Kleber de Oliveira

Flávia Larissa Kaiber

Médicos Residentes de Cardiologia do Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia. São Paulo, SP, Brasil

João Manoel Rossi Neto

Médico Assistente da Seção de Transplante

Cardíaco e Disfunção Ventricular do Instituto

Dante Pazzanese de Cardiologia. São Paulo, SP, Brasil

REFERÊNCIAS

1. Chagas Filho C. Histórico sobre doença de Chagas. In: Cançado JR, (editor). Doença de Chagas. Por um Grupo de Colaboradores. Belo Horizonte; 1968. p. 5-21.
2. www.fiocruz.br/chagas.
3. Junqueira LF. Carlos Chagas, 130 anos, Doença de Chagas, 100 anos: o Médico, o Cientista e seu Feito Extraordinário. Brasília Med 2009;46(3):195-200.
4. Editorial: Chagas disease – a neglected emergency. Lancet 2009;373(Issue 9678):1820.
5. Chagas Filho C. Meu Pai. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1993. p. 293.